

Capítulo 11.

A Amazónia em livros para os mais novos: espaços de encontro e de aprendizagem

Glória BASTOS

Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI), Universidade Aberta

gloria.bastos@uab.pt

Maria da Conceição TOMÉ

Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique (Repeses, Viseu) e CEMRI, Univ. Aberta
mconceicao.tome@aeidh.pt

Resumo

A literatura funciona como um local para a criação de significado cultural, e especificamente os livros para os mais novos refletem e fazem refletir sobre normas e valores sociais. Neste sentido, analisam-se dois livros para crianças e jovens com ação situada na Amazónia, concretamente, *Yara/lara* e *Uma aventura na Amazónia*, procurando identificar as imagens transmitidas, seguindo uma leitura de aproximação à ecocrítica, e examinando de que forma podem promover a ecoliteracia junto dos seus potenciais leitores. Ao retratar ambientes naturais e culturais distintos, estes livros colocam a criança perante a variedade que caracteriza o mundo, desenvolvendo um discurso – através da palavra e da ilustração – que, com diferentes graus de complexidade, em função da faixa etária alvo de cada obra, facilita a compreensão da alteridade e procura uma implicação do leitor na defesa do contexto retratado, a floresta amazónica.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Alteridade. Ecoliteracia. Ecocrítica.

Abstract

Literature works as a place for the creation of cultural meaning and specifically books for the youngest replicate and reflect on social norms and values. In this sense, we analyze two books for children and young people with their action located in the Amazon – *Yara /lara* and *An adventure in the Amazon* – seeking to identify the images that are transmitted, following an ecocritical reading, and examining how they can promote ecoliteracy among their potential readers. By portraying different natural and cultural environments, these books place the child in front of the variety that characterizes the world, developing a discourse – through words and illustration – that, with different degrees of complexity, depending on the age range targeted by each book, facilitates the understanding of otherness and seeks an implication from the reader in the defence of the context described, the Amazon rainforest.

Keywords: Children’s literature. Alterity. Ecoliteracy. Ecocriticism.

1. Introdução

Os livros para crianças, sobretudo os publicados já no novo milénio, têm-se mostrado particularmente sensíveis às mudanças sociais, procurando representar e interrogar o mundo e certas práticas da sociedade. Os chamados temas “difíceis” (como a morte, as questões da sexualidade, as diferentes formas de violência, entre outros) vão ocupando um lugar de algum destaque em obras implicadas em modelar os valores dos seus jovens leitores. Neste quadro, as preocupações ambientais constituem um novo aspeto, que tem emergido de forma mais ou menos declarada e com propósitos pedagógicos expostos com diferentes graus de afirmação.

Sabemos igualmente que as perceções das crianças sobre o mundo são formadas, pelo menos em parte, pelos livros que leem. E a literatura, enquanto uma das várias formas de práticas culturais e de “discurso social” (Fowler, 1986), não é apenas influenciada pela sociedade, como também pretende contribuir, com frequência, para moldar a realidade através do relato ficcional. No caso da literatura infantil, considerando que os jovens leitores são cidadãos em formação, o papel social da linguagem é uma questão que importa considerar de maneira mais insistente, já que, no desenvolvimento da criança como ser social a linguagem tem uma função nuclear. Como refere Halliday (1978, p. 9), a linguagem é o principal meio através do qual os padrões de vida são transmitidos à criança e é com eles que aprende a agir como membro de uma "sociedade" e a adotar a sua “cultura”, os seus modos de pensamento e ação, as suas crenças e os seus valores.

Portanto, é fundamental entender que essa literatura funciona como um local para a criação de significado cultural e, no caso particular que aqui pretendemos focar, para estabelecer sentidos sobre a forma como a região amazónica e os seus habitantes são retratados. É neste contexto que pretendemos olhar para as obras selecionadas, partindo de uma perspetiva que se aproxima da ecocrítica, no sentido lato que é apontado por Catrin Gersdorf e Sylbia Mayer (2006), na introdução ao livro que editaram, quando afirmam que uma visão alargada de ecoliteratura aponta para as múltiplas relações entre cultura e a natureza, analisadas numa perspetiva ambiental no âmbito dos estudos literários e culturais.

Estes aspetos relacionam-se ainda com a problemática da ecoliteracia, que tem assumido destaque no discurso pedagógico. A literatura para crianças, pela sua forte ligação a uma intenção educativa, tem sido um veículo para promover a consciência e a compreensão ecológica, com vários livros a abordar de forma mais

ou menos explícita esta temática, no contexto português (cf., por exemplo, os estudos de Ramos e Ramos, 2012, 2013). Greta Gaard propõe mesmo uma “ecopedagogia” (2008) a partir da utilização da literatura para crianças, descrevendo seis eixos que devem suportar uma ação nesse sentido, fortemente comprometida com a justiça social e ambiental.

Também consideramos que a leitura de histórias pode estimular a formação de atitudes, mudança de comportamento e ação pessoal nos jovens leitores, designadamente em relação a diversas dimensões do social e da responsabilidade ambiental. Neste quadro, as questões da alteridade têm merecido a nossa atenção em estudos anteriores, designadamente tomando como objeto de análise as duas obras que aqui serão o nosso foco (Bastos e Tomé, 2013; Tomé e Bastos, 2010, 2015). O estudo da imagem e da representação do Outro na literatura para os mais novos – e a própria natureza é também um “outro” em muitos textos – é um campo de investigação especialmente importante, tendo em conta os seus destinatários preferenciais e a função de socialização cultural que a literatura assume, como já foi mencionado. De acordo com Colomer (1999, p. 121), desde a Segunda Guerra Mundial que um dos valores primordiais da literatura infantil e juvenil é fomentar o conhecimento e o respeito pelas outras raças e culturas. Os livros de ficção, porque se constituem como um lugar de cruzamento de olhares do leitor com a alteridade e outras culturas e formas de ver o Mundo, podem contribuir para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos de acolhimento do Outro e de respeito pela sua cultura. Uma cultura que, no caso dos livros aqui analisados, se situa num contexto ambiental específico – a floresta amazónica – o que acaba por remeter o leitor também para a problemática ecológica.

O *corpus* em análise neste artigo é constituído por dois livros destinados a faixas etárias distintas: *Uma aventura na Amazónia*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (2009, coleção “Uma aventura”), destinado a leitores pré-adolescentes, e *Yara/lara*, de Margarida Botelho (2012, coleção “Poka Pokani”), destinado a crianças mais pequenas, com ou sem autonomia de leitura (necessitando, neste último caso, de um mediador). Esta diferenciação de idades em termos do destinatário preferencial destes dois livros permitirá também perspetivar-se aspetos mais específicos das obras.

2. A Amazónia contada aos mais novos

Yara/lara é o segundo livro da coleção “Poka-Pokani”, sendo parte integrante de um projeto denominado “Encontros”. Em 2009, a autora, Margarida Botelho,

inicia o “Encontros” com o apoio do Programa INOV-ARTE da dgARTES e da Unesco. Neste projeto, simultaneamente estético e pedagógico, através de palavras e desenhos dos vários participantes locais e de fotografias que espelham o quotidiano por eles representado, os leitores podem olhar “de perto para uma cultura distante”, segundo palavras disponíveis no site da autora²¹. *Yara/lara* resultou da vivência da autora, acompanhada de Mário Rainha Campos, em Kararaô²², uma aldeia indígena da etnia Kayapó na bacia do rio Xingu, na Amazônia, no estado brasileiro do Pará.

O projeto “Encontros”, para além da vertente pedagógica, assume uma dimensão de compromisso social, económico e ambiental, na linha de uma ecopedagogia (Gaard, 2008) que coloca em destaque uma *praxis* envolvendo as próprias crianças. Tanto as que participaram ativamente na obra, revelando as vivências na aldeia de Kararaô, como as leitoras do livro, que vão contactar com a pluralidade que caracteriza o mundo em que vivemos.



Figura 1 – As duas entradas (“capas”) no livro *lara/Yara*.

Foto de Mário Rainha Campos.

Fonte:

<http://www.margaridabotelho.com/pt/the-other-life-and-other-projects-of-margarida/>

O livro, à semelhança dos restantes títulos da coleção, apresenta duas “entradas” (Figura 1), narrando, na primeira pessoa, o quotidiano de duas meninas. Através de jogos de semelhanças e contrastes tomamos contacto com a rotina diária das duas crianças, em contextos socioculturais distintos. As protagonistas encontram-se, não fisicamente, mas simbolicamente a meio do livro e, do mesmo modo, os leitores com ambas, uma vez que lhes é proposto uma

²¹ Fonte: <http://www.margaridabotelho.com/portugues-colecao-poka-pokani/>.

²² Kararaô é uma das comunidades indígenas ameaçadas pela construção da central hidroelétrica em Belo Monte, no rio Xingu. Depois de várias vicissitudes relativas à sua construção, a barragem iniciou a operação em 2016. Na altura em que estava envolvida no projeto do livro *Yara/lara*, Margarida Botelho explicitava o seu compromisso social e literário: “Faremos muitas histórias e livros com as crianças indígenas de várias comunidades que serão afetadas com esta construção/destruição, para que os seus testemunhos possam ajudar numa urgente reflexão para a mudança.” (<http://www.margaridabotelho.com/en/2012/06/encounters-in-río20/comment-page-1/>).

espécie de “Jogo da Glória”, designado por “Jogo do Encontro”, com o objetivo de os leitores/jogadores incarnarem cada uma das personagens.

Na Amazónia, Yara, uma menina Kayapô, inicia o dia com os sons do ambiente natural (os gritos da arara) e come os alimentos que encontra na natureza, aprende a pescar, brinca na floresta com os amigos e participa numa festa dedicada à Lua. Do outro lado do livro, lara ouve os sons da cidade (representados nas onomatopeias “Vruuum” e “Pi-pii”), começa o seu dia comendo os cereais, vai para escola, depois brinca com os amigos no parque e em casa com a *playstation*, e no final do dia temos a sua festa de aniversário, com o bolo e velas para apagar.

Verificam-se alguns cruzamentos interessantes entre as duas histórias, representativos dos “ambientes” (a selva e o urbano) em que as personagens habitam. Yara tem a experiência viva dos elementos (fauna e flora) que povoam o seu ambiente, enquanto lara aprende através das imagens (sobre a região da Amazónia) que a professora vai projetando; Yara brinca com os amigos em espaços abertos e lara no parque, um espaço controlado e delimitado; Yara aprende através do pai, da mãe e de outras figuras da comunidade, as aprendizagens de lara realizam-se na escola.

Percebe-se que o destinatário privilegiado do livro não será tanto a criança indígena, mas sim um leitor à imagem da figura de lara, uma vez que a dimensão pedagógica mais explícita está presente no texto que foca o cenário da Amazónia. Assim, vários termos que remetem para elementos específicos dessa realidade são quase sempre acompanhados pela sua “tradução”, colocada entre parêntesis, num discurso explicativo que pretende apoiar a compreensão do texto. Vejamos alguns exemplos: “tucunaré (peixe)”, “malhadeira (rede)”, “tracajá (tartaruga)”, “copaíba (árvore)”, “urucum (fruto do urucueiro)”, “cocar (coroa de penas)”, entre outros. Por se tratar de um livro destinado a crianças mais novas, verifica-se também uma natural predominância da imagem, que ocupa a totalidade das páginas em formato panorâmico, aliando de forma bastante conseguida as dimensões estética, lúdica e didática da obra. Note-se que o texto é ainda menos denso (cerca de uma frase por página) na parte do livro referente à personagem lara, o que se compreende face ao que foi referido acima sobre o destinatário preferencial da obra.

Dirigido a um leitor pré-adolescente, *Uma aventura na Amazónia* insere-se na narrativa de aventura e mistério, característica desta faixa etária. A ação desenrola-se em plena floresta amazónica, mais concretamente na região de

Manaus, considerada o “coração da Amazónia” (p. 21), capital do Estado do Amazonas. A região é apresentada como um espaço geográfico imponente e de rara beleza, a “maior floresta do planeta” (p. 8), “um lugar mágico” (p. 202), o único sítio do mundo onde existem índios “que vivem isolados e não sabem onde existem outros povos na Terra” (pp. 8-9), “um lugar como não há outro no mundo” (p. 76). Verifica-se que nestes elementos descritivos o espaço surge como algo superlativo, causando sentimentos de estranheza pela desmesura que o caracteriza, mas também destacando o seu carácter singular e exclusivo. Os recursos utilizados fundamentam-se na adjetivação (com vários graus) e em processos comparativos, associados ao visualismo da linguagem (Bastos e Tomé, 2013), aspeto comum a livros que têm um foco na natureza (Ramos e Ramos, 2012). Vejam-se os seguintes exemplos (negrito nosso):

Árvores **de troncos finíssimos** aos milhares, com as copas tão próximas que se enfiavam umas nas outras, quase todas suportando verdadeiras cortinas de plantas trepadeiras, umas em forma de cordas achatadas, outras **farfalhudas como escovas**, outras com flores e **folhas muito lisas e brilhantes**. (p. 136)

Árvore **tão alta como uma torre e tão grossa que só dez ou doze homens** com os braços esticados conseguiriam abraçá-la. (p. 164)

À medida que se afastavam alongavam a vista sobre o **gigantesco maciço de verdura** cortado pela **rede labiríntica de mil rios** às curvas. **Uma floresta tão bela, tão cheia de vida**, não podia deixar de esconder mistérios e tesouros. (p. 208)

As referências à fauna e à flora são constantes, conferindo um (pretendido?) exotismo à narrativa e, à semelhança do livro anterior, constituindo uma forma de transmissão de conhecimentos, alimentando a sua dimensão pedagógica. Este exotismo destaca-se também nas menções gastronómicas, que são muito frequentes. Por exemplo, os protagonistas, para além de provarem panquecas de milho, sopa de abóbora com carne seca, doce de leite com castanha da Amazónia (p. 27), comem “pirarucú na brasa” (p.27), bebem “água de coco” (p. 62), sumo de maracujá com manga, guaraná (p. 72), comem chocolates recheados de bacuri (p. 72), frutos “sumarentos, saborosos, outros secos e deliciosos” (p. 124), castanhas da terra ensopadas em mel e uma bebida com sabor a chocolate por ser feita à base de cacau (p. 140), servida em folhas de árvores muito rijas.

Os leitores de *Uma aventura na Amazónia* são ainda informados na parte ficcional do livro sobre diversos elementos da vida e cultura indígenas, num

discurso explicativo e ilustrativo que pontua de forma constante a narrativa, numa procura evidente de contextualização do jovem leitor. Assim, e sem intenção de exaustividade, menciona-se que há mais de quarenta grupos de índios que nunca tiveram contactos com gente “civilizada” (p. 45) e, por isso, “não sabem que se pode viver de outra maneira” (p.77); a forma tradicional de pesca dos índios (enfiados na água com cestos, apanhando os peixes, previamente envenenados, à mão, p. 142); aspetos das suas práticas religiosas (p. 139); as crenças relacionadas com a gravidez e o parto (pp. 152 e 196); a importância do xamã, que tem o corpo pintado de modo a parecer uma onça, com colares de sementes no pescoço, nos braços e na cintura, as mãos pintadas de vermelho (p. 162); o facto de pintarem o corpo, com a ajuda de jenipapo e outras plantas (p. 187), empunhando lanças de madeira com pontas afiadas, arcos e flechas e as cabeças enfeitadas de plumas e penas amarelas (p. 126), entre muitas outras referências. Esta vertente mais ilustrativa e pedagógica é ampliada pelo facto de o livro incluir um capítulo final intitulado “O que é real nesta aventura” (p. 211), onde se apresenta mais um conjunto de informações sobre esse vasto território e algumas das suas características.

Quanto às relações interpessoais, entre os protagonistas e os habitantes com quem vão contactando, a perspectiva dada é extremamente positiva: os índios da tribo do interior da floresta, com a qual os jovens protagonistas contactam durante a sua aventura, são apresentados como “gente boa” (p.45) que quer “viver à maneira deles e em paz” (p. 46). Os caboclos (mistura de índios com brancos) são considerados belos e afáveis, “uma boa mistura” (p. 59). Os empregados dos hotéis são igualmente considerados “simpatiquíssimos” (p. 27). Podemos concluir que se procura, acima de tudo, criar um sentimento de empatia do leitor em relação aos habitantes locais. As figuras negativas, quando surgem, são sempre elementos completamente exteriores, com motivações obscuras, geralmente de cobiça perante as riquezas amazónicas.

É importante sublinhar que esta narrativa de aventuras, em diversos destes apontamentos, contribui para uma reflexão crítica sobre a necessidade de proteção daquele espaço natural e cultural, lembrando o leitor sobre os perigos que a Amazônia enfrenta face aos humanos predadores das suas riquezas (ver, por exemplo, pp. 38 e 160). Por outro lado, tendo em atenção os diversos intervenientes na ação e o papel que desempenham, verifica-se uma alteração na oposição binária mais tradicional entre os “selvagens” (maus) e a civilização (boa). Neste caso, é a civilização que surge como elemento agressor em relação a uma natureza e aos seus habitantes, que vivem em sintonia.

Os índios só caçam e pescam para comer, não prendem os animais. [...] Eles sabem que quando aparece gente de fora, estão tramados. Quem chega em geral destrói tudo. Uns querem árvores para vender e não hesitam em cortar árvores sagradas, outros querem-lhes ficar com as terras para criar gado e não hesitam em lhes queimar as casas, expulsá-los ou, se for preciso, matá-los. (p.175)

Através da ficção, e acreditando no poder da narrativa (cf. Applebee 1978; Chambers, 1983), pretende-se promover um envolvimento do jovem destinatário no mundo real, através de mecanismos de identificação com os protagonistas da história. Seguindo o percurso das personagens, os leitores são convocados a conhecer e a partilhar a admiração pela floresta amazónica, procurando-se que tomem igualmente consciência dos perigos que enfrenta, dos principais responsáveis pelas ações nocivas e predadoras e sintam as mesmas preocupações ecológicas, pois “Não há floresta mais rica e por isso também não há nenhuma que tenha tantos inimigos” (p. 38). Estes aspetos são reiterados no capítulo informativo que encerra o livro, onde as autoras apontam as várias ameaças que a Amazónia enfrenta, como a desflorestação e a caça e pesca ilegais.

3. A Amazónia em imagens

Os leitores apreendem pelas palavras, mas também pelas imagens, as representações que moldarão, de alguma forma, a tomada de consciência e o conhecimento social do Outro – humano e natureza. Ao contactar com livros ilustrados, as ilustrações envolvem o leitor tanto cognitivamente quanto emocionalmente à medida que a história avança, adicionando riqueza e profundidade em várias camadas às palavras do autor (Wason-Ellam, 2010).

Nos livros da coleção “Poka Pokani”, mais importante do que o texto, limitado ao essencial e parecendo apenas conduzir os leitores pelos diferentes aspetos do quotidiano das protagonistas através das emoções das mesmas, surge a ilustração, com contornos surpreendentes. As cores predominantes em *Yara/lara* dão o tom do ambiente retratado: os castanhos, os azuis, os verdes que se encontram nos espaços abertos e naturais da Amazónia, por contraste com o contexto que serve de contraponto, marcado sobretudo pela presença de elementos que remetem para o quotidiano cidadão da sociedade ocidental. No livro *Yara/lara*, tal como acontece com os restantes títulos desta coleção, as ilustrações vão mostrando estas realidades, criando empatia entre leitor e personagens. Essa empatia é ampliada em particular pelo recurso a uma técnica

mista, onde tem destaque o uso de fotografias reais, a partir das quais Margarida Botelho cria as personagens. Desta forma, os leitores veem para lá das figuras desenhadas no papel, já que essas figuras remetem para pessoas concretas.

Margarida Botelho trabalha ainda com outros materiais, de texturas diversas (papel, tecido, entre outros), contribuindo para a intensificação da vertente documental. A criação de cenários a partir desses diferentes materiais, como base para as ilustrações dos livros, cria uma ilusão tridimensional, estando também em estreita conexão com a intenção de um registo quase antropológico, facultando desta forma uma verdadeira “janela” para outras culturas. Esses cenários acentuam igualmente a ação narrativa e o movimento, já que a dupla página permite ao leitor visualizar várias personagens em simultâneo a realizarem diferentes atividades ou a participarem num acontecimento coletivo.

O “drama” do virar da página, num “picturebook”, de que nos fala Sipe (2011), no caso destes livros situa-se sobretudo na zona de confluência entre as duas “histórias” que o leitor descobre em cada livro: como é que as duas personagens, com nomes iguais, se vão encontrar? Como se faz a passagem de um continente para outro?

Embora no livro *Uma aventura na Amazónia* a ilustração assumia um papel secundário, não deixam de ser significativas as representações transmitidas, na medida em que as ilustrações dão “corpo” às palavras, veiculando, a seu modo, perspetivas e conceções sobre o universo narrado (Tomé e Bastos, 2010). Por exemplo a capa, enquanto elemento paratextual, é de destacar, dado que, por ser um primeiro elemento visual com o qual o leitor contacta, estabelece o contrato de leitura inicial. Verifica-se que a imagem da capa contextualiza, desde logo, a ação no espaço (reiterando a informação do título), criando alguma curiosidade para o tipo de aventura que será vivida pelos protagonistas (cf. figura 2). A ilustração remete para a paisagem amazónica, surgindo, para além da majestosa flora, alguns elementos representativos da fauna (neste caso papagaios e um tucano em primeiro plano) e outros que remetem para a vida indígena (a piroga). Desta forma, a fauna e a flora amazónicas, sobretudo os seus componentes mais icónicos, constituem-se como informações importantes para o leitor, antes mesmo de a leitura acontecer.

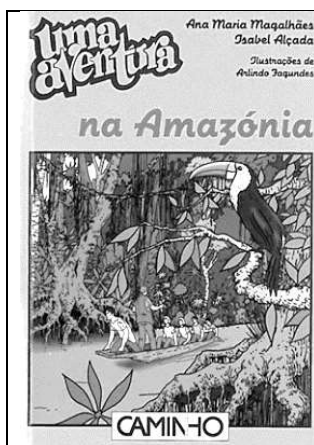


Figura 2 –
Capa de
*Uma
aventura na
Amazónia.*



Figura 3 - *Uma
aventura na Amazônia*, ilustração da p.

139

No que se refere às ilustrações presentes no interior do livro, no início de capítulo e pontuando outros momentos da ação (por vezes com a inclusão de balões de fala), essas contribuem para elucidar sobre alguns elementos narrados, pretendendo situar o leitor e facilitar a sua compreensão sobre o contexto da ação, ou apresentar através da imagem o que o texto menciona: por exemplo, apoiar a descrição física dos índios ou algumas das suas crenças religiosas.

4. Considerações finais

Os dois livros analisados têm a sua ação a desenrolar-se na Amazônia, apresentando características próprias ao subgénero em que cada um se insere (álbum e narrativa de aventuras), mas partilham a mesma preocupação face a uma realidade que se pretende mostrar ao jovem leitor, procurando o seu envolvimento. De facto, quando as crianças e jovens leem, veem as imagens, ouvem e falam sobre histórias como estas, que revelam contextos distantes, ambientes e culturas diferentes da sua, compreendem a diversidade do mundo em que vivem.

Com estes livros, podem estabelecer conexões entre a sua experiência do mundo e o encontro com o Outro: laços que surgem de forma mais explícita em *Yara/lara*, pela própria estrutura e conteúdo do livro, ou conduzidos pela viagem e a aventura exótica dos protagonistas de *Uma aventura na Amazônia*. E mesmo que o “papel de espectador” seja diferente da experiência e vivência direta das situações (Applebee, 1978: 128-129), a reconstrução de um texto pode ser um processo importante de refletir sobre os “eventos” do mundo. Como Applebee mostrou, as histórias são um importante agente de socialização e os modelos implícitos apresentados pelos textos contribuem para a construção de

expectativas sobre o mundo em que os leitores vivem. De facto, desde os contos da tradição oral, não podemos esquecer que a literatura pode contribuir para moldar as nossas perceções e atitudes. Ao ler estes livros, crianças e jovens tornam-se mais conscientes sobre as questões interculturais e ambientais, dando mais um passo na sua jornada num mundo global, onde a cidadania ativa e crítica não é apenas um ideal, mas deve ser uma prática.

As obras para crianças aqui focadas apresentam imagens da Amazónia que remetem, em primeiro lugar, para a natureza, para a sua grandiosidade e para a forma como as populações interagem com esse ambiente. Neste sentido, à semelhança de outros livros que encontramos no panorama editorial português, integram potencialidades em termos de promoção de uma ecoliteracia junto dos seus jovens leitores, de forma mais subtil em *Yara/lara* e com maior incidência em *Uma aventura na Amazónia*. De qualquer maneira, ambos os livros articulam, em doses diferenciadas, a dimensão estética, lúdica, formativa, sem esquecer uma ética, elementos que nos reenviam para a questão inicial da importância da linguagem, pois, como refere Stephens (2010), “an ecological ethics seems guaranteed by a cognitive model that affirms a continuity and interpenetration of anthropocentric subjectivity and ecocentric awareness. The natural world and the human mind function as metaphors for each other, in the sense that textual apprehension of the natural world must be mediated through linguistic forms. That is the only way the perceiver can acquire special insight into the world outside-of-self” (p. 214).

Bigger e Webb (2010) enfatizam igualmente que a leitura de livros de ficção encoraja as crianças e jovens a verem-se também como agentes de mudança. Neste sentido, os protagonistas de *Uma aventura na Amazónia*, de certa forma, convidam os leitores a juntarem-se a eles (os bons) na defesa desse espaço e dos seus habitantes, contra os “inimigos” da floresta. Acresce que, para além do diálogo do leitor com o texto no ato de leitura individual, o debate e o diálogo aberto com outros – pares ou adultos mediadores – encoraja o pensamento crítico e uma compreensão mais profunda sobre os contextos retratados. Isto é especialmente relevante para o livro *Yara/lara*, dirigido a leitores mais novos: uma leitura a par entre a criança e o adulto permitirá o reconhecimento de diferentes lugares e experiências de vida diversas, com implicações ao nível de uma conscientização de que existem outras perspetivas sobre o mundo e outras relações com o ambiente natural.

Referências bibliográficas

- APPLEBEE, A. (1978). *The child's concept of story: Ages two to seventeen*. Chicago: University of Chicago Press.
- BASTOS, G. e TOMÉ, M. da C. (2013). Imagens da Amazônia na Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea. *Leitura: Teoria & Prática*, 31(60), 11-26. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3217>
- BIGGER, S. e WEBB, J. (2010). Developing environmental agency and engagement through young people's fiction. *Environmental Education Research*, 16(3-4), 401-414. DOI: 10.1080/13504621003613145
- BOTELHO, M. (2012). *Yara/lara*. Editora Paulinas.
- CHAMBERS, R. (1983). *Story and situation. Narrative seduction and the power of fiction*. Minneapolis: University of Minneapolis Press.
- FOWLER, R. (1986). *Linguistic criticism*. Oxford: Oxford University Press.
- GAARD, G. G. (2008). Toward an Ecopedagogy of Children's Environmental Literature. *Theory & Praxis: The Journal of Ecopedagogy*, 4(2). DOI: 10.3903/gtp.2008.2.3
- GERSDORF, C. & MAYER, S. (Eds.) (2006). *Nature in Literary and Cultural Studies: Transatlantic Conversations on Ecocriticism*. Amsterdam New York: Rodopi.
- HALLIDAY, M.A.K. (1978). *Language as social semiotic. The social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold.
- MAGALHÃES, A. M. e ALÇADA, I. (2009). *Uma aventura na Amazônia*. Arlindo Fagundes (il.). Lisboa: Editorial Caminho.
- RAMOS, A. M. e RAMOS, R. (2013). Ecoliteracia e literatura para a infância: quando a relação com o ambiente toma conta dos livros. *Solta Palavra*, 19, 17-24.
- RAMOS, A. M. e RAMOS, R. (2012). Urban and rural landscapes in Portuguese picture story books: reification and perceptions. *AILIJ (Anuario de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil)*, 10, p. 107-121.
- SIPE, L. (2011). The art of the picture book. In Wolf, S., Coats, K., Enciso, P., Jenkins, C. (eds.). *Handbook of research on children's and young adult literature*. Routledge, New York & London, pp. 238-252.
- STEPHENS, J. (2010). Impartiality and Attachment: Ethics and Ecopoiesis in Children's Narrative Texts. *International Research in Children's Literature*, 3(2), 205-216. DOI: 10.3366/E1755619810001109
- TOMÉ, M. da C. e BASTOS, G. (2010). A Ilustração na literatura para jovens: a imagem do Outro. In Viana, F. L.; Ramos, R.; Coquet, E.; Martins, M. (Coord.). *Actas do 8.º encontro nacional | 6.º internacional de investigação em leitura, literatura infantil & ilustração*. Braga: CIEC - Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, pp. 90-112.
- TOMÉ, M. da C. e BASTOS, G. (2015). Diálogo intercultural em imagens: uma análise da coleção "Poka Pokani". In CONFIA. *3rd International Conference on Illustration & Animation*, IPCA, pp. 135-147.
- WASON-ELLAM, L. (2010). Children's literature as a springboard to place-based embodied learning. *Environmental Education Research*, 16(3-4), 279-294, DOI: 10.1080/13504620903549771